

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE INSTITUTO  
DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

ANAIS DA IX SEMANA ACADÊMICA DE ARQUEOLOGIA  
ESPECIAL 10 ANOS  
08 E 09 DE NOVEMBRO DE 2018

ORGANIZAÇÃO  
FÁBIO ORTIZ GOULART

RIO GRANDE, RS  
AGOSTO DE 2019

Anais da IX Semana Acadêmica de Arqueologia

Organização Fábio Ortiz Goulart

Comissão organizadora da IX Semana Acadêmica de Arqueologia - Especial 10 anos:

Ana Claudia Albuquerque Borella  
Anderson de Oliveira Gomes  
Danielle de Jesus Fagundes de Oliveira  
Erica Brustolin Ziero  
Fábio Ortiz Goulart  
Felipe Pinto dos Santos  
Taíssa Rossales Munhoz  
Yasmin Salau Jobim

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Diretório Acadêmico de Arqueologia - Anexo 04  
Av. Itália km 8 – Carreiros - Rio Grande, RS. CEP 96203-900  
E-mail do Diretório: [daarqueologiafurg@gmail.com](mailto:daarqueologiafurg@gmail.com).

Os trabalhos que compõe o presente anais de eventos são de inteira responsabilidade de seus/suas respectivos/as autores/as. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

S471      Semana Acadêmica de Arqueologia: especial 10 anos (09 : 8-9 nov. -  
2018 : Rio Grande, RS)  
            Anais da IX Semana Acadêmica de Arqueologia: especial 10  
            anos [Recurso Eletrônico] / Organização Fábio Ortiz Goulart. – Rio  
            Grande, RS: [FURG], 2019.  
            22 p.

ISBN: 978-65-00-04329-7

Disponível em: [arche.furg.br/anais-de-eventos](http://arche.furg.br/anais-de-eventos)

1. Arqueologia 2. Materialidades 3. Cultura Material 4. Produção  
Discente 5. Universidade Federal do Rio Grande 6. FURG I. Goulart,  
Fábio Ortiz II. Título.

CDU 902(816.5)

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Apresentação</b>  | <b>4</b>  |
| <b>Apresentações de trabalhos</b>  | <b>5</b>  |
| <b>Arqueologia da Geribanda: entre vozes e resistências de uma Praça</b>   | <b>6</b>  |
| <b>Os Sítios Históricos Chapada Bonita II e III: Um estudo de caso da arqueologia histórica pela perspectiva da arqueologia preventiva</b> | <b>7</b>  |
| <b>A Vila Operária da fábrica Rheingantz: um dispositivo de dominação patriarcal</b>   | <b>8</b>  |
| <b>Por uma arqueologia do e para o contemporâneo: pensando o aqui e o agora</b>  | <b>9</b>  |
| <b>Visite o decorado: o papel da materialidade nos anúncios imobiliários da cidade de São Paulo</b>  | <b>10</b> |
| <b>Olhares gritantes</b>   | <b>11</b> |
| <b>Corpos Falantes: as representações fálicas representam quem?</b>  | <b>14</b> |
| <b>Universo na palma da mão: celular como um fragmento da cultura</b>  | <b>15</b> |
| <b>As Práticas Funerárias de Sambaquis do Sul e Sudeste vistos através da análise multivariada</b>   | <b>16</b> |
| <b>Arqueologia e História indígena. Apontamentos sobre o Município de Rio Grande - RS</b>  | <b>17</b> |
| <b>Mapeamento Arqueológico do Município de Rio Grande - RS</b>   | <b>18</b> |
| <b>Arte da tatuagem e suas marcas e materialidade na América pré colonial</b>  | <b>19</b> |
| <b>Método em pesquisa transcultural: o banco de dados HRAF, suas funcionalidades e possibilidades</b>                                      | <b>20</b> |
| <b>Oficinas</b>  | <b>21</b> |
| <b>Oficina de Etnobotânica</b>   | <b>22</b> |

## **Apresentação**

Fábio Ortiz Goulart<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: fabioortiz@furg.br.

A proposta da IX Semana Acadêmica de Arqueologia partiu de dois eixos principais: a comemoração dos dez anos do bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande e pensar um evento de alunos para alunos. A Semana ocorreu logo após as atividades realizadas em comemoração ao aniversário de dez anos do curso que teve como temática, para além da comemoração, pensar a Arqueologia em contextos de violência. Para o evento de dez anos foram convidados diferentes pesquisadores para tratar sobre o tema, propiciando um espaço de discussões acerca, não somente da proposta do evento, mas também sobre o papel da arqueologia feita na FURG, bem como o do próprio curso.

A IX Semana Acadêmica, objetivou trazer as arqueologias feitas pelos alunos do bacharelado, para isso ao invés de trazer pesquisadores, foram os próprios alunos que realizaram as atividades da Semana. Foram ofertadas oficinas, realizou-se apresentações de trabalhos, e inclusive, foram convidados ex-alunos do curso para uma bate-papo com os graduandos, para assim discutir sobre as possibilidades após a graduação.

A partir das vivências, sejam essas em sala de aula, em projetos de pesquisa, ensino e extensão ou nas atividades desenvolvidas pelos discentes em suas monografias de conclusão de curso, apresentamos a presente publicação, que traz os resumos das diferentes arqueologias apresentadas pelos discentes do bacharelado, bem como por ex-alunos do curso.

Boa leitura!

Anais da IX Semana Acadêmica de Arqueologia

Organização Fábio Ortiz Goulart

## **Apresentações de trabalhos**

## **Arqueologia da Geribanda: entre vozes e resistências de uma Praça**

Lindaiara Virgulino Tonelli<sup>1</sup>, Antonielle Ferreira Cardoso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: lindaiaratonelli@hotmail.com.

A Praça Tamandaré, situada no centro urbano da cidade de Rio Grande, apresenta-se, há muito tempo, como objeto de pesquisa de diversas áreas do conhecimento científico. Atualmente, para nós da Arqueologia, interessa o que as pessoas – que frequentam/transitam/habitam aquele espaço – têm a nos contar: as narrativas de suas vivências cotidianas na Praça que, enquanto materialidade, é ativa e se (re)configura diariamente. Nosso incentivo dá-se pelo fato de que a Praça passará por mais uma revitalização e, imediatamente, nos perguntamos: para onde vão as pessoas e suas memórias? Planejada pela elite riograndina do século XIX, a Praça é reinventada a cada dia por nós populares, burlamos o ordenamento da paisagem e a tornamos algo que não era para ser. Acreditamos que os discursos de higienização dos espaços públicos mascaram o temor pela pobreza, afinal, a mesma foi vista por longos anos como algo incivilizado e portador de doenças. A fim de observar e ouvir, realizamos o “Café Memória” na Praça, onde montamos uma mesa e oferecemos café em troca de memórias. Assim, sensibilizamos e provocamos a participação voluntária das pessoas. Utilizaremos ainda, entre outras ações, o “Brechó: troco coisas por histórias”, as exposições “Para Sempre Geribanda” e “Pessoas e Coisas do Cotidiano”, a fim de estabelecer diálogos com os diferentes grupos que transitam/frequentam/habitam a Praça, para compreender sua relação com a mesma, seu modo de vivenciá-la e concebê-la, tanto no presente como no passado. Esta pesquisa está no âmbito da Arqueologia Pública, visando estimular a interação das comunidades na construção dos conhecimentos.

## **Os Sítios Históricos Chapada Bonita II e III: Um estudo de caso da arqueologia histórica pela perspectiva da arqueologia preventiva**

Marina da Fonseca Lopes<sup>1</sup>, Átila Perillo Filho<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. Contato: mfl.arqueologia@gmail.com.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.

Os sítios arqueológicos históricos Chapada Bonita II e III estão localizados próximos ao rio São Mateus, município de São Joaquim, Santa Catarina, e são componentes de uma grande fazenda típica da região da serra catarinense. São constituídos por diferentes estruturas feitas em taipa sendo uma mangueira, uma porteira, um curral, e muros deslocados divisores de propriedades. Além das estruturas erguidas em pedra, é possível observar que associadas a eles existe a marca das fundações da antiga residência principal da fazenda. Os sítios arqueológicos foram identificados durante trabalhos de prospecção para a etapa de campo do licenciamento arqueológico associado CGH Chapada Bonita, que pretende ser construída na localidade. Durante as pesquisas de campo e análises desenvolvidas nas estruturas foi possível observar que as construções foram erguidas através de sobreposições de blocos de pedra ferro com a base apresentando-se mais larga do que o topo (SILVA, 2006). Os sítios arqueológicos em questão refletem a estruturação arquitetônica da ocupação colonial desenvolvida na serra catarinense, com as principais edificações construídas em pedra ferro associadas à curso d'água, o que aqui passa a ser importante de se ressaltar é que a idade destas estruturas podem ser identificadas como sendo recuadas no máximo até o século XIX não apenas por informações orais colhidas durante o trabalho de campo mas também pela posição geográfica na qual a fazenda encontra-se fixada. A construção de fazendas e galpões passa apenas a ocorrer em gradientes mais baixos do terreno, como é o caso do sítio arqueológico em questão, a partir do século XIX, quando a região atinge uma posição mais estável politicamente, socialmente e economicamente, o que em consequência oferece um estado de maior segurança para os moradores locais. O resultado desse sentimento de segurança pode ser observado na paisagem pelas construções em áreas mais baixas do terreno campeiro (SANTOS, 2015).

## **A Vila Operária da fábrica Rheingantz: um dispositivo de dominação patriarcal**

Vanessa Avila Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. Contato: vanessaavilacosta@hotmail.com.

A partir da compreensão de que a arquitetura das casas da Vila Operária da fábrica Rheingantz constitui um dispositivo de dominação patriarcal que opera na construção de espaços de sujeição e subordinação da mulher operária ao homem operário, atrelados à ideologia da domesticidade, procurei entender as opressões de gênero e classe, responsáveis por estruturar as relações de poder que se estabelecem nas habitações entre os anos de 1884 e 1919. Percebendo-as como uma extensão da fábrica propriamente dita, consegui refletir sobre a vida cotidiana das mulheres operárias nas casas. Para a realização do estudo, utilizei os relatórios da fábrica que proporcionaram a interpretação do modo como a paisagem da Vila Operária foi construída entre o recorte temporal trabalhado e como ela impôs regras as trabalhadoras que nela moravam, além de transcrições de jornais operários riograndinos e plantas arquitetônicas das moradias. A visitação nas casas e os relatos de moradores e moradoras da vila também constituíram uma fonte significativa para a pesquisa. Consegui, dessa forma, compreender as estratégias de resistência cotidianas das mulheres na vila às opressões e abusos ao qual estavam sujeitas, através da subversão da ordem social da arquitetura, bem como as dinâmicas de ressignificação dos passados de opressão e resistência que ainda são visíveis no contemporâneo.

## **Por uma arqueologia do e para o contemporâneo: pensando o aqui e o agora**

Newan Acacio Oliveira de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: newansouza@outlook.com.

A partir das vivências como aluno de graduação, busca-se elencar algumas considerações sobre o que seria essa tal arqueologia do contemporâneo, indo ao encontro das ideias da própria concepção de Arqueologia, conceito esse que toma nova roupagem quando pensado por Tramasoli (2017) e Ruibal (2006). Dessa forma, além de esboçar conceitualmente todo âmbito desse vasto mundo que é o pensar o contemporâneo, propõem-se através de experiências próprias, ilustrar novas “categorias” de objetos/sujeitos de pesquisa dentro da ciência arqueológica, exploradas a partir da construção de um trabalho de conclusão de curso em andamento, intitulado “Onde estão as Bacabeiras na cidade das Bacabas? Arqueologia da paisagem e seus palimpsestos em uma capital no meio do mundo”. Busca-se trazer as experiências através da construção do trabalho, tanto referente a aspectos metodológicos, teóricos e subjetivos, nas possibilidades e dificuldades do fazer Arqueologia pelo e para o contemporâneo. Assim, se constitui um novo modelamento das percepções da própria área do conhecimento, e das contribuições da mesma para com a contemporaneidade.

## **Visite o decorado: o papel da materialidade nos anúncios imobiliários da cidade de São Paulo**

Diego Lemos Canabrazil de Hungria<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: diego.hungria@alumni.usp.br.

Este trabalho consiste na apresentação de um projeto de pesquisa, em elaboração durante a disciplina de TCC I da graduação em Arqueologia da FURG, que, a partir da percepção de que o modelo de enclaves fortificados como residência tem sido adotado por diferentes grupos dentro da sociedade brasileira, busca analisar em que medida o mercado imobiliário recorre à materialidade para reforçar identidades através de anúncios publicitários na cidade de São Paulo. Nesse sentido, pretende-se debater questões como possíveis correspondências e diferenças na materialidade presente em propagandas de imóveis voltados para grupos específicos; quais identidades são elaboradas pelo marketing imobiliário para atingir públicos-alvo particulares; e, sobretudo, qual o papel da materialidade presente nos anúncios ao representar determinados estilos de vida associados às residências comercializadas. Portanto, tendo em vista que, conforme Olsen (2013), as coisas são seres no mundo ao lado de outros seres como humanos, plantas e animais, e nossas vidas diárias são prescritas, definidas, disciplinadas, auxiliadas e encorajadas pela reunião de agentes materiais, este trabalho se debruçará sobre a combinação entre textos, ilustrações e plantas baixas encontrada nos anúncios imobiliários para apreender, na materialidade retratada, aproximações entre os aspectos arquitetônicos e decorativos dos imóveis comercializados e visões de mundo específicas, potencialmente universalizando ou discriminando valores de grupos distintos através de uma comunicação verbal e não verbal.

## **Olhares gritantes**

Violet Alex Anzini Baudelaire<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: alex-anzini@outlook.com.

Esse trabalho resulta da pesquisa que tenho desenvolvido para o TCC neste curso, onde investigo em campo questões referentes as formas de vida social de travestis, mulheres trans pretas e brancas e uma bixa preta de gênero híbrido. Acredito que a arqueologia tem um enorme potencial para estudar as relações de poder em sociedades humanas, principalmente quando pensamos um mundo repleto de coisas humanas e não humanas que se atravessam a todo momento, nas situações mais banais do cotidiano.(LATOUR, 2015; INGOLD, 2012) Como as louças de jantar do século XIX que criavam na elite burguesa, branca e cis-heteronormativa oitocentista, e toda uma rede de significados e signos é construída em torna daquelas parafernalias de cozinha, chá e jantar, e que, na realidade essas louças eram signos de status em um contexto político de diferenciação social entre classes (ELIAS, 1939; LIMA, 1995). Logo as relações e interações sociais entre aqueles sujeitos são atravessadas por essas coisas à todo momento. Neste sentido, penso que o corpo é uma extensão da identidade da pessoa, é por meio dele que percebemos o mundo em nosso entorno, e é também por meio dele que manifestamos materialmente nossas identidades idiossincráticas. (LANZ, 2016). Compreendo ainda essa idiossincrasia preciso relevar a importância da diversidade que as sociedades humanas tem, e onde há diversidade pode existir desigualdade. Ou seja, entre diferentes categorias de nossa sociedade existem relações sociais de poder, se pensarmos em diferentes dimensões, étnico, racial, gênero, sexualidade, classe, etc. Neste caso, a pesquisa de campo, tendo como recorte o cotidiano de travestis, mulheres trans e pessoas de gênero não binário, busca encontrar e fazer manifesto as diferentes interações entre sujeitos humanxs ou não humanxs em uma sociedade onde impera a ordem de gênero e sexualidade cis e binária, também conhecido como sistema de sexo/gênero e heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2003; FOUCAULT, 1976). A socióloga brasileira Letícia Lanz debate o termo “passabilidade” muito usado entre as travestis para falar sobre aquelas pessoas trans que conseguem passar pelas paisagens urbanas e aquelas não

Organização Fábio Ortiz Goulart

conseguem. O que significa dizer isso? Quanto mais uma pessoa trans consegue esconder sua condição, menos ela chama atenção por onde passa. Quanto menos uma pessoa consegue esconder sua condição, mais ela chama atenção por onde passa. Porque e como isso acontece? Venho seguido a ideia de que as coisas podem ser signos para significados que formam discursos e estruturam as interações entre xs sujeitxs. Porque um corpo trans é tratado como diria a Linn da Quebrada, “como um buraco que é feito pra sangrar”? Por quais razões 90% das mulheres trans no Brasil se prostituem ou estão envolvidas com o tráfico de substâncias ilícitas? Por que a maioria das pessoas trans e travestis não estão na universidade, e nem mesmo conseguem concluir o ensino básico? Porque a maioria das pessoas trans são hipersexualizadas e varridas para o limbo afetivo? Há uma série de discursos e práticas que não estão apenas nas palavras, mas nas vestimentas, nas expressões entre outros gestos corporais, nos timbres, nas cores, texturas e formatos do corpo. Ai pergunto, porque em um ônibus o último banco a ser ocupado é aquele ao lado da pessoa trans? Porque em uma festa as pessoas cis se relacionam afetivamente entre si, mas quando um homem cis se relaciona com uma mulher trans, ela é tratada como uma fatia de bolo para ser comida às escondidas? Porque quase todos os lugares na nossa sociedade são não lugares para os corpos trans? São questões tão desconcertantes como essas, impregnadas de poder de umxs sobre outrem, que tenho observado em campo. O conceito de passabilidade pode ser entendido como um “impedimento”, que não se estende apenas no passar. O impedimento ocorre em diversas situações, quando uma pessoa trans precisa apresentar seus documentos e estes não a reconhecem, então a pessoa trans é impedida de existir como tal. Quando a pessoa trans não pode ir na padaria porque é ameaçada, ela é impedida de passar. Quando uma pessoa trans não tem vida afetiva por que seu corpo não considerado desejável e atraente pela sociedade englobante, ela é impedia de amar. Mas sempre tem alguém que entra na universidade, que é representadxs nas revistas, que ocupa os lugares, que é consideradx amável, que tem passabilidade, que tem poder. Geralmente as mulheres que tem estas coisas não tem uma coisa, um pau! E curiosamente, neste caso, o pau, até mesmo o falo não é uma coisa impregnada de poder que dá privilégios à mulher trans, mas de poder que sob o olhar de outrem, diz “é um macho de saia”... Após definir o recorte para a realização da etnografia do grupo ao qual eu mesma pertencço, comecei a construir um modo de fazer, que não pode ser

Organização Fábio Ortiz Goulart

visto apenas como um método e tão pouco apresenta receitas prontas. Neste caso, parti da observação participante, e admito que é mais confortável dançar sob os ovos sem quebra-los para esta pesquisa, porque eu faço parte do grupo que pesquiso. Isso não significa que não há convergências entre mim e xs outrxs agentxs. Além das observações em campo, também elaborei roteiros de entrevistas para pesquisar questões pontuais sobre a história de vida dxs agentxs. O período de pesquisa de campo está em andamento e deve se encerrar no final do 2ºSEM de 2018, e por hora pude entrevistar e acompanhar o cotidiano de duas mulheres trans brancas, uma travesti e uma bixa preta não binária. Quando planejei o campo, eu acreditava que poderia organizar as informações coletadas em função de local e data. Situando assim a base empírica em um espaço-tempo. De fato, essa análise é interessante, pois permite perceber as diferenças que umx mesmx sujeitx e/ ou coisa produz em contextos distintos. Por outro lado, as formas de vida sociais não são sistematizadas por si só, quando estamos em campo o cotidiano transborda nossas redes de signos e significados, mesmo quando tentamos controlar as situações com agendas, calendários, relógios, rotinas, doutrinas, etc. Assim, muitas notas etnográficas importantes foram feitas em momentos quando eu não tinha planejado “etnografar”. Pensando nestas problemáticas, irei apresentar uma reflexão a partir de do trabalho de campo construído em uma ida ao centro comercial de Rio Grande na companhia de Gabi. Onde observei como as pessoas interagem com Gabi e eu durante todo trajeto entre a casa dela, a rua, o ônibus e as lojas visitadas para comprar roupas, coisas que as pessoas fazem cotidianamente. Como faço parte do grupo que eu estudo tenho o lugar de fala para dizer inclusive como me sinto naquele espaço, e por outro lado, se admito que xs agentxs dessa pesquisa são indiossincráticxs enquanto categorias de identidade, então também posso perceber meus privilégios e minhas opressões quando me comparo com xs ourxs agentxs. Como no caso de Gabi, onde tenho diversos privilégios em relação a ela, já que sou uma mulher branca.

## **Corpos Falantes: as representações fálicas representam quem?**

Shay Lenis de los Santos Rodriguez<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: sharonrodriguezz@gmail.com.

A diferença entre o falo e o pênis é que o falo corresponde à fase da sexualidade infantil e o pênis é parte da sexualidade adulta. O falo para Lacan é um conceito linguístico, o discurso é falocêntrico. Portanto, conforme Gallop (2001) ter um falo significaria estar no centro do discurso, gerar significado, possuir o domínio da linguagem, ter controle e não se conformar com o outro. O conceito de falocentrismo atribuído por Freud está intrínseco ao modelo de androcentrismo, que se caracteriza por colocar o “homem” na condição de uma hierarquia superior em relação à outrxs, sendo específico, a mulher. O falocentrismo segue uma lógica relacional e dicotômica, pois a partir dele um sexo só pode ser definido em contraposição ao outro. Neste caso, o sexo dito como feminino foi definido a partir do sexo dito masculino. E até os anos 1960 o paradigma falocentrico foi aceito como natural. No cotidiano existem muitas formas que remetem ou fazem referências a um pênis que passam despercebidas e conforme Paley (2001) as coisas que lembram pênis geralmente são coisas ditas de homens – armas, carros, foguetes, charutos, arranha-céus. Isso fez com que eu saísse na rua e visualizasse as coisas, construções de casas, comércios, edifícios, as arquiteturas da cidade, de outra perspectiva. E talvez as construções foram elaboradas de tão semelhança sem intenção alguma, pois como diria Freud “as vezes um charuto é apenas um charuto”, as vezes nem tudo o que parece pode ser fálico. Formatos fálicos são muito presentes no cinema, e em muitos filmes estão símbolos fálicos no lugar do sexo real para obter uma reação emocional no subconsciente dx espectadxr. Mas o que tem de mal em viver em uma sociedade dita falocêntrica? O problema é o discurso falocentrico que tem as representações fálicas, um discurso carregado de estereótipos masculinistas, que está intrínseco ao androcentrismo e a referência mor, é a masculinidade hegemônica. Estamos cercadxs de representações e materialidades fálicas que sempre nos remetem a um gênero, o masculino.

## **Universo na palma da mão: celular como um fragmento da cultura**

Anderson de Oliveira Gomes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: andyy.gomes@gmail.com.

Ao olharmos para os nossos cotidianos podemos perceber a vivência de um objeto, que com a velocidade em que avança a supermodernidade (Ruibal, 2008) cada vez mais faz parte da população - os celulares. Apesar da frequente mistura do objeto em nossas rotinas, pouco se sabe sobre as inferências deste fragmento na vida da população, uma vez que mesmo facilitando as atividades de nossas vidas, ainda pertencem a um sistema perverso de consumo capital. Mediante a elaboração de uma metodologia etnográfica, equipada com arcabouços teóricos da psicologia evolutiva, a apresentação constituirá de cotidianos da população misturados ao fragmento, desde o seu surgimento, para que se entenda a complexidade macrocós mica em que o universo sapiens se dissolve na cultura do agora.

## **As Práticas Funerárias de Sambaquis do Sul e Sudeste vistos através da análise multivariada**

Ana Claudia Albuquerque Borella<sup>1</sup>, Danilo Vicenssotto Bernardo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: [anac.borella@gmail.com](mailto:anac.borella@gmail.com).

A compreensão e a investigação da Arqueologia das Práticas Funerárias tem como motivo central o entendimento do universo simbólico e social das populações humanas. Nesse contexto, o estudo da relação entre a variabilidade mortuária, a complexidade social e as condições ambientais permite visualizar as adaptações bioculturais adquiridas por populações do passado, entre elas, os Sambaquis. Então, para investigar a relação entre os aspectos sociais e os fatores ecológicos nos Sambaquis, esse estudo construiu um banco de dados contendo informações dos sepultamentos de 168 indivíduos, distribuídos entre 16 Sambaquis e espalhados, entre o sul de Santa Catarina, até o Rio de Janeiro. As características desses enterramentos foram distribuídas entre 31 variáveis e analisadas através de métodos de estatística multivariada. As análises resultaram em 6 padrões funerários distribuídos entre os sítios. Os resultados são, no momento, parciais, devido ao fato da pesquisa estar em andamento. O objetivo atual se concentra na análise da organização desses padrões funerários entre os sambaquis estudados, para buscar verificar se suas ornamentações correspondem a fatores ecológicos.

## **Arqueologia e História indígena. Apontamentos sobre o Município de Rio Grande - RS**

Fabício Bernardes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: fabricio.taq@hotmail.com.

No âmbito de uma pesquisa, que tem como foco os sítios arqueológicos localizados no município de Rio Grande, buscou-se desenvolver uma abordagem que concebe Arqueologia como História Indígena de longa duração. Estudado desta forma o registro arqueológico tem potencial para contribuir com o estudo das populações indígenas do presente e também do modo que elas se transformaram a longo prazo. Neste sentido nos chamou a atenção a frequente menção de vestígios arqueológicos ligados a presença indígena no município de Rio Grande nos séculos XVI, XVII e XVIII. Ao mesmo tempo, em apenas um trabalho, de Guilherme Naue e colaboradores (1971), se procurou relacionar os sítios arqueológicos com situações conhecidas, narradas pelos colonizadores europeus. Feitas estas observações, as atividades da pesquisa tiveram como foco levantar as fontes coloniais que registraram a presença indígena nesta região até o final do século XVIII, privilegiando o contato com as fontes primárias. Por enquanto podemos dizer que, como é comum para todo o continente americano, a sistematização das fontes etno-históricas é uma tarefa que não tem fim, pois novas leituras de documentos já conhecidos costumam trazer novas informações. O resultado apresentado é um conjunto de apontamentos parciais que podem contribuir no estudo do registro arqueológico.

## **Mapeamento Arqueológico do Município de Rio Grande - RS**

Fabício Bernardes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: fabricio.taq@hotmail.com.

As primeiras menções à presença de vestígios arqueológicos dentro dos limites do Município de Rio Grande foram feitas ainda no século XIX e registram a situação recorrente que era encontrar objetos de origem indígena nos campos do entorno da cidade. Entretanto estas referências não indicam com clareza o local onde os objetos foram encontrados. A preocupação em identificar os locais onde o registro arqueológico se concentra em maior volume veio apenas na década de 1940, com um grupo de arqueólogos amadores já bastante organizado. De lá para cá o registro de sítios arqueológicos se tornou parte essencial do estudo arqueológico, o que faz com que hoje em dia temos a disposição um conjunto considerável de mapas que apontam a localização aproximada do local onde os vestígios arqueológicos podem ser encontrados. Visto isso, o objetivo aqui é apresentar os resultados parciais do trabalho de sistematização desses mapas. As informações buscadas são: a coordenada geográfica do sítio arqueológico e se ele já foi mencionado em alguma pesquisa ou se há material retirado deste local em algum acervo.

## **Arte da tatuagem e suas marcas e materialidade na América pré colonial**

Rodolpho Silva de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: rodolphosoliveira@bol.com.br.

Este trabalho vem do meu interesse em arqueologia e na arte da tatuagem, me questionei sobre arte da tatuagem nas civilizações nativas tradicionais sul americanas e sua materialidade depois de muitas pesquisas notei que não tem nenhuma obra abordando exclusivamente o tema, apenas encontrei citações em artigos antropológicos com este trabalho pretendo executar através de uma pesquisa Bibliográfica sobre o livro handbook of American Indians. Coletânea de livros organizada por Julia Steward Livro este que foi um marco histórico para os estudos arqueológicos dos nativos sul americanos em sua época. Nesta minha pesquisa pretendo abordar técnicas materiais e seus contextos sociais. Tendo como objectivo ser uma fonte de estudo para futuros pesquisadores nesta área de estudo.

## **Método em pesquisa transcultural: o banco de dados HRAF, suas funcionalidades e possibilidades**

Felipe Pinto dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: srfps7@gmail.com.

A pesquisa transcultural (no inglês *Cross cultural Research*) consiste de modo geral na relação de diferenças e semelhanças entre duas ou mais culturas. Essa abordagem visa ir além da mera descrição particular das sociedades e das culturas, objetiva busca entender como e por que sociedades e culturas se diferem ou são semelhantes entre si, por isso a estratégia comparativa é fundamental. Dentro da perspectiva transcultural este trabalho apresenta como ferramenta de estudo o banco de dados HRAF. O HRAF ou *Human Relations Area Files* “é uma organização internacionalmente reconhecida no campo da antropologia cultural. Fundado em 1949 na Yale University, o HRAF é um consórcio sem fins lucrativos de universidades, faculdades e instituições de pesquisa. Sua missão é incentivar e facilitar o estudo transcultural da cultura, sociedade e comportamento humanos no passado e no presente.”(HRAF, 2018). Com essa proposta será possível utilizar o modelo do HRAF como inspiração na construção de um banco de dados para desenvolvimento de pesquisas, cuja temática é a o fenômeno da guerra nas sociedades pré-coloniais.

Anais da IX Semana Acadêmica de Arqueologia

Organização Fábio Ortiz Goulart

## **Oficinas**

## **Oficina de Etnobotânica**

Fábio Ortiz Goulart<sup>1</sup>, Paula Santos da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Contato: fabioortiz@furg.br. <sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

A Oficina de Etnobotânica objetivou levar aos discentes de Arqueologia da FURG um aprofundamento no fazer etnobotânico. Para isso foram realizadas, em um primeiro momento, explicações sobre a Botânica e a Micologia, bem como sobre o objeto e a epistemologia da Etnobotânica, sendo uma etnociência que utiliza métodos e conhecimentos advindos da Botânica e da Antropologia para explorar as relações existentes entre seres humanos e vegetais. Após a teoria, foi proposta uma atividade prática aos participantes, à qual constituía da identificação de seis plantas de diferentes gêneros botânicos. Para isso, foram utilizados guias de identificação de Angiospermas (SOUZA & LORENZI, 2005), bem como o livro texto de Raven et al. (2007). Para a atividade prática foram identificadas as plantas dos seguintes gêneros: *Cucurbita* L., *Hypochaeris* L., *Taraxacum* F. H. Wigg, *Achyrocline* (Less) DC., *Caladium* Vent., *Equisetum* L. Cada uma delas foi escolhida por fazer parte da economia popular de comunidades tradicionais no Rio Grande do Sul e por ser de uso comum em Rio Grande. Ao final, foi possível observar que os ouvintes estavam interessados na oficina e na Etnobotânica, interagiam e perguntavam a todo momento, a avaliação feita da atividade foi positiva, uma vez que foi solicitado aos participantes que escrevessem uma opinião sobre a oficina, porém gostaríamos de destacar um em particular, que afirmou ter sentido falta de um enfoque mais “etno” para a oficina, uma vez que o público-alvo da atividade eram alunos de um curso de Ciências Humanas.